



Priscila Lemos de Freitas

O “uso” do fazer humano, como MEIO para a reabilitação, tem sido amplamente utilizado por diversos profissionais - psicólogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, entre outros - nesse sentido, as atividades são utilizadas como ‘via de acesso’ para a construção do saber sobre o outro, e o fim são os objetivos traçados pelo terapeuta.

Segundo Rui Chamone, a proposta terapêutica ocupacional difere desta abordagem, que privilegia o conhecimento do profissional sobre o paciente, em detrimento da capacidade deste de conhecer-se a si mesmo. Nesta proposta, o conhecimento do profissional é visto fora de qualquer escala hierarquizante, quando a capacidade do ajudado de conhecer é tão importante quanto o conhecimento científico.

Para este autor, a proposta técnica do terapeuta ocupacional consiste no uso de atividades, de forma livre e criativa, para a reabilitação do ser humano. As atividades aqui não são MEIO, mas sim, FIM-MEIO para a reabilitação do ser humano, qualquer que seja a área de atuação do terapeuta ocupacional. Isso significa que a experimentação da atividade pelo paciente é o objetivo (fim) próprio da terapêutica. *“Mais importante que a chegada é a caminhada”* (Kamila Behling)

Entendemos que a capacidade de conhecer, adquirir conhecimento sobre si e o mundo, através do que se faz e, ainda, evoluir a partir disso, é inerente ao humano; isto foi um dos fatores promotores do desenvolvimento de nossa espécie e não se perdeu no homem, continuamos a nos desenvolver através do fazer.

A Terapia Ocupacional, para Rui Chamone, promove condições para que o homem conheça-se a si mesmo. Não se propõe aqui um saber sobre o sujeito, mas um saber do sujeito, que se refere à intenção de o homem conhecer-se; questionar-se a si mesmo, à partir de sua condição atual. **O fazer do ajudado, seja plástico ou cinesiológico é FIM-MEIO para a construção do saber.**

A ATIVIDADE é entendida como FIM EM SI MESMA quando pode ser feita com liberdade e criatividade (intencionalidade), uma vez que, por si só, é promotora de conhecimento e consciência sobre si, o mundo e os outros. Tal entendimento é fundamentado e explicado por Rui Chamone Jorge (JORGE, 1995) a partir de sua história de vida, experiência de atendimento e estudo, cujo resultado descobriu serem convergentes com a Antropologia Filosófica de Lima Vaz (2006). Isso significa que, ao fazer, o homem adquire conhecimentos, e a possibilidade de um novo vir a ser, à partir da consciência que adquire.

E é também, FIM-MEIO para o paciente reabilitar-se: avaliar a viabilidade de seus objetivos funcionais, (re)conhecer suas limitações atuais, assim como suas potencialidades ocupacionais, e atualizar seu projeto de vida diante da realidade; e FIM-MEIO para o terapeuta ajudá-lo, pois possibilitará a construção de hipóteses que usará para estimular o pensamento reflexivo do ajudado. O conhecimento do terapeuta não se sobrepõe ao do paciente, mas ajuda-o na construção da consciência de si para reabilitar-se. Isto possibilita a elaboração de sua condição atual, em detrimento da simples adaptação à limitação/patologia/trauma.

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

- JORGE, Rui Chamone. **Relação Terapeuta Paciente: notas introdutórias**. Belo Horizonte: Imprensa Universitária; 1989.
- JORGE, Rui Chamone. **Museu Didático de Imagens Livres Professor Rui Chamone Jorge: mostra: "corpo grupal"**. Belo Horizonte: GESTO; 1997.
- JORGE, Rui Chamone. **Psicoterapia Ocupacional: história de um desenvolvimento**. Belo Horizonte: GESTO; 1995.
- VAZ, H.C.L. **Antropologia Filosófica I**. 8ª Ed., São Paulo: Edições Loyola, 2006.

[www.grupogesto.com.br](http://www.grupogesto.com.br)